

## LITERATURA INFANTIL E MERCADO EDITORIAL: A QUESTÃO DA FAIXA ETÁRIA

*Elaine Aparecida Rodrigues da Silva (PG-UEMS)*  
*Estela Natalina Mantovani Bertolotti (UEMS)*

### Resumo

O presente texto questiona a literatura infantil dividida por faixa etária e por que o mercado editorial usa desse artifício para produzir livros para serem consumidos nas escolas. Este trabalho foi desenvolvido dentro de uma abordagem qualitativa, a partir de uma pesquisa documental e bibliográfica sobre literatura infantil. Os objetivos são contribuir para os estudos e pesquisas sobre literatura infantil, analisar a questão da faixa etária nos livros de literatura infantil, a partir do ponto de vista editorial, compreender como e por que o mercado editorial produz literatura infantil dividido por faixa etária. Conforme pude verificar, as editoras classificam os livros de literatura por faixa etária, porque descobriram que o mercado é promissor e resolveram investir maciçamente nessa área. A literatura Infantil, de acordo com o mercado editorial, passa a ser produto de mercado.

**Palavras-chave:** Literatura infantil. Mercado editorial. Faixa etária.

### Introdução

Durante o ano de 2006, no curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade de Paranaíba, na disciplina Linguagem e Literatura Infantil, tive a oportunidade de reconhecer a importância da literatura infantil nas séries iniciais, o que me fez despertar para a necessidade de que tenhamos uma visão crítica e reflexiva ao indicarmos livros infantis aos alunos a partir do pressuposto único da faixa etária indicada e para a percepção de como o mercado editorial tem influenciado o gosto pela leitura.

Diante disso resolvi investigar o tema literatura infantil de modo a contribuir para os estudos e pesquisas sobre esse gênero. E compreender como e por que o mercado editorial produz literatura infantil dividida por faixa etária.

Reconheci também que a literatura infantil não pode ser considerada uma modalidade literária menos importante em relação a qualquer outra modalidade literária, pois a primeira vista, o que parece ser um “simples” livro de literatura infantil pode proporcionar para o leitor sua formação literária.

Os resultados dessa pesquisa foram apresentados em forma de trabalho de conclusão de curso (TCC), os quais, neste texto, passo a apresentar sucintamente.

### 1. Literatura Infantil e Faixa Etária

A partir do final do século XIX e início do XX é que a literatura infantil brasileira passou a ter maior importância para os escritores brasileiros; o fato é que essa literatura era repleta de uma ideologia dominante e se caracterizava, por isso, como uma literatura didático/escolar, que tinha como objetivo transmitir valores morais e sociais.

As origens da literatura infantil brasileira encontram-se sobretudo na literatura didática/escolar, que, entre o final do século XIX e o início do século XX, começou a ser produzida de maneira sistemática por professores brasileiros, com a finalidade de ensinar às nossas crianças, de maneira agradável, valores morais e sociais assim como padrões de conduta relacionados com o engendramento de

uma cultura urbana e necessários do ponto de vista de um modelo republicano de instrução do povo (MORTATTI, 2000, p. 12).

No início dos anos 70, quando acontece o “boom” na literatura infantil, aumenta a demanda de livros e isso ocorre devido à obrigação da introdução dessa literatura nas escolas, “[...] articuladamente à expansão e solidificação do mercado editorial, tem início um processo de autonomização da leitura infantil em relação a suas origens didáticas/escolares, mediante a priorização programática de seu efeito estético e sua função de deleitar” (MORTATTI, 2000, p.12).

A literatura infantil, mesmo sendo escrita por adultos, corresponde aos anseios das crianças, os textos cativam seus leitores pelo seu caráter imaginário e pela fantasia sem necessidade de haver nenhum apelo didático/pedagógico.

Por literatura infantil entendo um conjunto de textos – escritos por adultos e lidos por crianças – que foram paulatinamente sendo denominados como tal, em razão de certas características sedimentadas historicamente, por meio, entre outros, da expansão de um mercado editorial específico e de certas instâncias normatizadoras, como a escola e a academia (MORTATTI, 2000, p. 13).

É por meio da obra literária que o leitor se envolve, analisa e compreende que o ato da leitura pode apresentar caminhos para novos conhecimentos, pois a cada descoberta feita nos obriga a refletir sobre ideias já estabelecidas.

Em uma soma de esforços para não transformar a literatura infantil em obrigatoriedade nas escolas, essa mesma literatura pode converter-se em um importante mecanismo para estimular o gosto pela leitura de forma agradável e agregando entretenimento.

O livro infantil está inserido em uma sociedade e não pode ser indissociável do tempo e da história.

Para Lourenço Filho (1943), a verdadeira literatura Infantil não deve ser feita exclusivamente com intenção pedagógica, didática e sim sugerir o belo.

O fim da literatura (infantil) para crianças ou adultos somente poderá ser o da arte, ou seja, o de exprimir o belo. A literatura infantil, propriamente dita, será, pois, antes de tudo, expressão de arte ou já não será literatura. A literatura, como bem observa Mendes dos Remédios, justamente por ser manifestação de vida de um povo, acompanha a este na sua atividade histórica (LOURENÇO FILHO, 1943, p. 156).

A literatura não é restrita ao adjetivo que recebe, portanto, à medida que os textos literários são escritos e apresentados ao leitor, é necessário que sirvam para despertar o interesse dos leitores, e que a leitura seja por fruição.

Assim, a literatura infantil proporciona prazer e emoção, o que significa que essa literatura irá proporcionar momentos de satisfação para seus leitores.

O ideal da literatura é deleitar, entreter, instruir e educar as crianças, e melhor ainda se as quatro coisas de uma vez. Repetindo: educar, instruir e distrair, sendo que a mais importante é a terceira. O prazer deve envolver tudo o mais. Se não houver arte que produza o prazer, a obra não será literária e, sim, didática (GÓES, 1984, p. 22).

Em 1943, Lourenço Filho no artigo “Como Aperfeiçoar a Literatura Infantil”, apresenta e sugere, com base na psicologia, a divisão dos livros de literatura infantil, então produzidos e publicados, por faixa etária, conforme segue:

An. Sciencult	Paranaíba	v. 2	n. 1	p. 150-157	2010
---------------	-----------	------	------	------------	------

- a) álbum de gravuras, coordenadas por um só motivo, ou não, com reduzido texto, ou ainda sem texto, para crianças de 4 a 6 anos;
- b) contos de fadas e narrativas simples (fábulas, apólogos) para crianças de 6 a 8 anos;
- c) narrativas de mais longo trecho, para crianças de 8 a 10 anos;
- d) histórias de viagens e aventuras, para crianças de 10 a 12 anos
- e) biografias romanceadas, idem. (LOURENÇO FILHO, 1943, p. 160-161).

Coelho (1987) menciona a idéia e aponta “[...] A sucessão das fases evolutivas da inteligência (ou estruturas mentais) é constante e igual para todos. As idades correspondentes a cada uma delas podem mudar, dependendo da criança ou do meio em que ela vive”. (COELHO, 1987, p.12).

No entendimento de Cunha (1995), um problema que diz respeito mais à narrativa do que aos outros gêneros é o relativo à adequação do livro à idade da criança.

Objetivando abordar e questionar a faixa etária, mesmo tendo por base as referências psicológicas em que “[...] sabe-se pela Psicologia que a criança passa por uma série de transformação, desde que nasce até entrar na adolescência, transformações essas que estabelecem fases de sua evolução” (CUNHA, 1995, p. 99), essa autora sugere que, por outro lado, mesmo com as fases de desenvolvimento, cada criança tem um desenvolvimento individual e que pode ter diferentes fatores para a escolhas dos livros “[...] mais do que conhecer as fases do desenvolvimento infantil, importa conhecer a criança, sua história, suas experiências e ligações com o livro” (CUNHA, 1995, p.100).

As ideias de Cunha (1995) relativizam a questão da faixa etária na leitura infantil e apontam para outra psicologia, acompanhando as ideias propostas por Vygotsky (apud OLIVEIRA, 1998, p. 60): o meio social da criança influencia em seu desenvolvimento. Mediante este conceito, não se pode afirmar que um livro de literatura infantil irá agradar a todos por serem da mesma faixa etária: “[...] O desenvolvimento individual se dá num ambiente social determinado e a relação com o outro, nas diversas esferas e níveis da atividade humana, é essencial para o processo de construção do ser psicológico individual” (OLIVEIRA, 1998, p. 60).

Por este ponto de vista, o processo de ensino e aprendizagem não é estanque, é contínuo, dinâmico; as relações sociais despertam e estimulam o aprendizado, o convívio com outras pessoas promove atividades diversas, o que auxilia a criança em seu desenvolvimento intelectual.

A concepção de Vygotsky sobre as relações entre desenvolvimento e aprendizado, e particularmente sobre a zona de desenvolvimento proximal, estabelece forte ligação entre o processo de desenvolvimento e a relação do indivíduo com seu ambiente sócio-cultural e com sua situação de organismo que não se desenvolve plenamente sem o suporte de outros indivíduos de sua espécie. É na zona de desenvolvimento proximal que a interferência de outros indivíduos é a mais transformadora (OLIVEIRA, 1998, p. 61).

Em geral, o aprendizado deve ser estimulado e não reprimido, a obrigatoriedade da leitura escolar, faz com que o aluno se sinta desmotivado, a preocupação exagerada da escola entre o certo e o errado dificulta o gosto pela leitura “[...] O único bom ensino, afirma Vygotsky, é aquele que se adianta ao desenvolvimento” (OLIVEIRA, 1998, p. 62).

Para o mediador (professor) é necessário o acompanhamento individual do aluno, para que o conhecimento já existente possa avançar por meio de novos conhecimentos; tendo o professor como mediador desse processo essa interação pode se dar em maior ou menor grau:

Os ambientes sociais são diferentes uns dos outros, desse modo, crianças que vivem

em ambientes diferenciados, passam a ter aprendizagens diversas, cabendo ao professor diferenciá-las para facilitar o aprendizado “[...] Qualquer modalidade de interação social, quando integrada num contexto realmente voltado para a promoção do aprendizado e do desenvolvimento, poderia ser utilizada, portanto, de forma produtiva na situação escolar” (OLIVEIRA, 1998, p. 64).

Para Vygotsky (apud OLIVEIRA, 1991, p. 27), é possível afirmar que o ambiente físico e social influencia no aprendizado, e que os estímulos externos fazem com que esse aprendizado seja significativo.

As funções psicológicas superiores, baseadas na operação com sistemas simbólicos, são, pois construídas de fora para dentro do indivíduo. O processo de internalização é, assim, fundamental no desenvolvimento do funcionamento psicológico humano (OLIVEIRA, 1991, p. 27).

Desse modo, para a formação de qualquer criança, o contexto social em que ela vive contribui para seu processo de desenvolvimento, sendo assim, quando separam as crianças por faixa etária, eliminam as suas experiências individuais e generalizam os leitores de literatura infantil.

## 2. Mercado Editorial e Literatura Infantil

Dentro do contexto dos livros de literatura infantil, não estão desvinculados os aspectos literários e os fins lucrativos, uma vez que o mercado editorial percebeu o crescimento desse produto, que tem alavancado a indústria editorial. A cada ano, as editoras lançam seus livros com maiores especificações em seus catálogos para atender ao mercado vigente.

Um bom catálogo vai muito além de divulgar os títulos que elenca: além de envolver, maquiagem e marcar o produto que anuncia, o catálogo acaba construindo uma das imagens pela qual seu produto fica conhecido. Ou seja, no caso dos livros, as informações que o catálogo fornece a respeito das obras que constam transformam-se, quando o usuário do catálogo transforma-se em leitor do livro, nas categorias que prioritariamente o leitor procurará e (com grande chance) encontrará no livro (LAJOLO, 2002, p. 29).

Quando os catálogos se pautam na observância das faixas etárias previstas nos livros de literatura infantil não atestam para que existam diferenças entre as crianças, como apontado por Vygotsky, pois podem existir atrasos ou avanços individuais nos leitores e tal modelo de funcionamento pretende universalizar os leitores. Ou seja, os catálogos “[...] Cumprem todas a função para a qual existem: traçar, consolidar, matizar e redefinir o roteiro pelo qual se pauta a construção do imaginário dos valores, dos comportamentos, dos sentimentos e atitudes que definem esta ou aquela faixa etária” (LAJOLO, 2002, p. 28).

A complexidade crescente da indústria editorial moderna exige compatibilização de demanda e produção, orientando uma pela outra, criando uma em função da outra, reforçando uma e otimizando outra: são essas providências que garantem a sobrevivência do mercado. Assim, um livro que aspira ao circuito escolar é circulando – no catálogo que deve promovê-lo junto aos professores – de um conjunto de informações que só constam no catálogo por corresponderem à imagem que os editores fazem *do que é e do que não é* relevante para o professor que adotará o livro (LAJOLO, 2002, p. 29).

Considerando que o catálogo está dividido por títulos, autor, tema, tema transversal, o professor a quem está destinado o catálogo irá em busca do que lhe serve para usar na sala de aula como instrumento de trabalho funcional. “[...] Por isso, as coloridas e geralmente bem diagramadas das páginas são documento muito importante para o estudo de livros, ensinando, no caso dos livros juvenis, que juvenil é o texto que consta de catálogos de editoras voltados para o inventário da produção “juvenil” daquela editora” (LAJOLO, 2002, p. 29).

O ideal seria uma leitura para o aprimoramento dos aspectos afetivos, cognitivos e na formação do ser humano, ou seja, para promover o desenvolvimento integral.

Dentre as inúmeras informações que os catálogos trazem sobre cada livro exposto, cada um com sua peculiaridade, com objetivos distintos para melhor atender ao seus consumidores, “[...] superpõem-se exatamente no caminho de seus intermediários, quais sejam, professores, pedagogos e bibliotecários, que estão na encruzilhada na qual criança e jovens transformam-se em alunos, e leitores transformam-se em consumidores compulsórios”.(LAJOLO, 2002, p. 30).

Os livros que são produzidos para a escola contribuem para funções didáticas, com o ensino metódico e sistemático das matérias; o que não deve acontecer com os livros de literatura infantil, pois se esses livros forem produzidos de maneira desordenada para atender à demanda escolar, perderão sua essência.

Para Ricardo Azevedo (2001), a leitura deve fazer parte da cultura de um povo; ler e interpretar o que está lendo, edifica, amplia o conhecimento que está à disposição do homem, o hábito da leitura, serve para transformação social, para provocar sucessivas modificações em seu meio.

Como já constatei, observar as faixas etárias presentes nos livros de literatura infantil é importante para questioná-las, pois podem existir atrasos ou avanços no desenvolvimento infantil, e tal modelo de funcionamento pretende universalizar os leitores.

A relação que a escola estabelece com a literatura é útil, conforme já citado anteriormente, especialmente quando determina para o uso na sala de aula, livros escolhidos por tema e tema transversal, e literatura infantil não é (somente) para aprender, é para uma leitura que seja capaz de agradar, causar satisfação, um sentimento de alegria após o término da leitura de um livro.

No processo de desenvolvimento do mundo moderno, ocorreram mudanças que progressivamente foram selecionando os indivíduos que fazem parte de um convívio social, objetivando à formação de grupos de pessoas colocando-as no mesmo patamar, ou seja, com as mesmas características por serem da mesma idade.

O livro infantil não está desvinculado da questão mercadológica, pois o mercado editorial resolveu investir maciçamente nos livros de literatura infantil, já que há uma procura imensa por parte das escolas, que reforça e alavanca o mercado. Desse modo, incorpora em nossa sociedade, por meio dessa literatura, ideais de perfeição.

Não pretendo generalizar, mas é preciso reconhecer que boa parte da indústria editorial pretende produzir apenas uma ficção que seja palatável às escolas. O resultado disso tem sido o surgimento de livros emasculados, muitas vezes utilitários, sempre ‘politicamente corretos’, incapazes de transgredir, incapazes de trazer novas idéias ou de inovarem, pois tudo isso poderia não ser aceito pela escola (AZEVEDO, 2001, p. 5).

Em uma classificação dos livros de literatura por faixa etária nos catálogos que são produzidos atualmente pelo mercado editorial pode-se afirmar que:

São assim, múltiplas e insubstituíveis as lições dos catálogos. Estudá-los e discutí-los não conduz, evidentemente, a terçar armas com a indústria editorial. Trata-se,

An. Sciencult	Paranaíba	v. 2	n. 1	p. 150-157	2010
---------------	-----------	------	------	------------	------

sim e urgentemente, de entendê-la e de aprender a lidar com ela, entre outras razões porque ela é já agora necessária. Esfinge de nossos dias, ela nos espreita em cada uma das muitas dobras e dos muitos avessos dos generosos projetos que engendramos, em que nos envolvemos, que reivindicamos em prol da leitura e dos livros. A indústria nos estreita e nos desafia, como a esfinge: ‘Ou me decifras, ou te devoro [...]’ (LAJOLO, 2002, p. 32).

A escola, como formadora da sociedade, precisa identificar as modificações e os propósitos de qualquer atividade empresarial para que o consumismo e o utilitarismo não façam parte integrante do dia-a-dia.

Desse modo, as editoras lançam, no mercado, seus livros por faixa etária, usando esse requisito como *marketing* para aumentar suas vendas.

O livro de literatura infantil não pode ter a função exclusivamente mercadológica. A principal crítica é que o mercado editorial usa vários artifícios para a venda de seu produto, e não se faz uma seleção desses livros para enriquecer e agregar valores à literatura.

A indústria cultural vem transformando os livros de literatura infantil em livros didáticos para atender ao mercado vigente, essa produção prioriza o consumismo e o utilitarismo destes livros, sendo assim, nem tudo que é publicado, é literatura infantil, ou pelo menos, não é literatura.

Pode-se afirmar que existe uma literatura infantil, bem caracterizada, se levarmos em conta apenas o aspecto editorial. Sabe-se que, nos países industrializados, a produção gráfica destinada às crianças é uma das mais importantes como esteio econômico, abrangendo a grande produção dedicada à alfabetização e escolaridade, e também a produção, cada vez mais ampla, de livros especificados como ‘Literatura Infantil’ (GÓES, 1984, p. 1).

Observando especificamente o contexto industrial nos livros de literatura infantil, os fatores agravantes que ocorrem são que devido à produção exorbitante de livros no mercado, o que pode acontecer é uma perda de valor literário desses livros. “[...] Assim, procura-se o ‘interessante’, dosado de acordo com a tecnoburocracia e a tecnologia de ‘marketing’, para “atingir as zonas de reserva do indivíduo”. Encomenda-se a obra e o sucesso comercial está garantido[...]” (MAGNANI, 1989, p. 44).

Conforme se pôde verificar ao longo deste texto, as editoras classificam os livros de literatura infantil por faixa etária, porque descobriram que o mercado é promissor e resolveram investir maciçamente nessa área.

Acompanhando as idéias de Magnani (1989), a classificação de literatura por faixa etária não está desvinculada de fins lucrativos, utilitários e ideológicos, contribuindo para o consumismo.

Como na estória do ovo e da galinha, no caso da produção de livros não dá para saber onde se inicia o círculo vicioso da (en-) formação do gosto. Os autores e editores dizem que, aliados da escola na conquista do jovem leitor, preocupam-se com o desinteresse do aluno pela leitura e, cada um a seu modo, levantam como causa dessa situação a inexistência de uma produção editorial adequada, e a cisão entre leitura escolar e leitura espontânea, o que, desconsiderando o interesse do aluno, cria um ‘hiato entre o que o jovem quer, de fato, ler e os textos que lhes são oferecidos’ (MAGNANI, 1989, p. 45).

A classificação dos livros de literatura infantil serve para uma nivelção das idades por faixa etária, é importante salientar que em nosso país as diferenças culturais, sociais e financeiras são bastante visíveis e as oportunidades não são as mesmas para todos, por isso

espera-se da escola que estimule o gosto pela leitura, valorizando a individualidade de cada criança.

Considerando nosso desequilíbrio social, formar leitores evidentemente é um imenso desafio. A maioria de nossas crianças é filha de pais analfabetos ou semi-analfabetos ou seja, voltando para casa elas não têm com quem discutir suas lições. E nem mesmo espaço, uma vez que suas casas, muitas vezes um único cômodo, não costumam possibilitar o isolamento mínimo que a leitura requer. Por outro lado, boa parte de nossas crianças, refiro-me àquelas que têm chance de ir à escola, não têm dinheiro para comprar livros e só têm acesso a livros e textos didáticos e informativos fornecidos gratuitamente pelas escolas públicas. Na minha visão, textos didáticos são essenciais para a formação das pessoas, mas não de leitores. É preciso que concomitantemente haja acesso à leitura de ficção, ao discurso poético, à leitura prazerosa e emotiva [...] (AZEVEDO, 2001, p. 2).

A classificação da literatura infantil nos remete a pensar numa leitura para alfabetizar e moralizante, e por esses motivos vão ao encontro das expectativas das escolas, uma literatura pedagógica em que a principal estratégia do mercado editorial é a venda de livros, que acaba determinando as leituras escolhidas por meio dos catálogos que divulgam e apresentam as vantagens dessa literatura.

Portanto, o desafio do educador será apresentar a literatura como algo prazeroso, para que a literatura seja emancipadora, e que libere a criatividade, a imaginação e que tenha uma função social.

### Considerações Finais

Neste texto, procurei compreender como o mercado editorial, de livros para crianças, pode prejudicar a leitura por fruição.

É por meio dos catálogos que uma avalanche de livros com funções diferenciadas, a qual a literatura exerce, entra no meio escolar, na qual, permeia e promove esse fenômeno, que é a produção para atender ao mercado.

Percebe-se então que o prazer de ler pode ser substituído pela obrigação.

Os catálogos tratam o fenômeno literário de maneira escolar: mesclam textos estritamente literários com utilitários, dividem os livros por faixa etária cumprindo assim sua função mercadológica.

Acredito que pude esclarecer, até o momento, usando os teóricos já citados anteriormente, que não há uma correlação direta entre faixa etária indicada nos livros de literatura infantil e a idade correspondente, devido à vários estudos importantes referentes a literatura infantil.

### Referências

AZEVEDO, Ricardo. Aspectos da literatura infantil no Brasil, hoje. Palestra feita no I Salão do livro – Encontro Internacional de Literaturas em Língua Portuguesa Secretarias de Cultura do Município e do Estado de Minas Gerais Belo Horizonte – 15 de Agosto de 2000. Mesa Redonda sobre Literatura Infantil. *Revista Releitura*, Belo Horizonte, nº 15. Biblioteca Infantil de Belo Horizonte. Abril de 2001. Disponível em: <<http://www.ricardo.com.br/Artigo06.htm>>. Acesso em: 17 set. 2008.

COELHO, Nelly Novaes. *A Literatura Infantil*. 4. ed. São Paulo: Quiron, 1987.

An. Sciencult	Paranaíba	v. 2	n. 1	p. 150-157	2010
---------------	-----------	------	------	------------	------

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Literatura infantil: teoria e prática*. 15. ed. São Paulo: Ática, 1995.

GOES, Lúcia Pimentel. *Introdução à Literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1984.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6. ed. São Paulo, Ática 2002.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. Como aperfeiçoar a literatura infantil. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Rio de Janeiro, v.3, n.7, p.146-169, 1943.

MAGNANI, Maria do Rosário. *Leitura, literatura e escola: subsídios para uma reflexão sobre a formação do gosto*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora LTDA, 1989.

MORTATTI, Maria do Rosário. Leitura crítica da literatura infantil. *Leitura: teoria & prática*, Porto Alegre, n. 36, p.11-17, dez. 2000.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. *Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico*. 4. ed. São Paulo: Spione, 1998.

\_\_\_\_\_. *Teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1991.